



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Em busca de uma metateoria: análise de conjuntura, ciência e política a partir dos textos sobre as jornadas de junho¹

Este trabalho consiste em um estudo exploratório e inacabado. Trata-se de uma primeira versão de uma pesquisa recentemente iniciada e que tem como desiderato investigar a natureza da *análise de conjuntura* e o seu lugar teoria política brasileira². Certamente que as aqui mal traçadas linhas não podem atender minimamente a esse objetivo. O que se pretende com este texto é tão somente levantar hipóteses e instigar o debate a esse respeito, para num momento posterior, tentar formular um esboço de *metateoria* da análise de conjuntura.

O artigo está organizado em três partes: em uma primeira seção, discorreremos sobre aspectos constitutivos da análise de conjuntura, tal como compreendida genérica e inicialmente. Num segundo momento, avaliamos muito brevemente textos usualmente classificados de análise de conjuntura que trataram das manifestações de rua em junho de 2013. A estratégia é comparar algumas poucas avaliações de um conjunto de intelectuais que, compartilhando de um mesmo contexto, chegaram a conclusões diferentes sobre os rumos da política nacional nesse período. Obviamente que poderíamos ter escolhido analisar textos de outro momento ou referidos a outros fenômenos. Independentemente disso, o que se quer é indagar o que podemos aprender com a análise desse contexto no que diz respeito à formulação, propagação e recepção das ideias? Quais são os sentidos principais dessas intervenções públicas? Por fim, tentaremos, na última seção do texto, muito canhestramente, apresentar alguns pontos para a reflexão.

¹ A proposta inicialmente concebida, com título distinto, era avaliar os textos de conjuntura sobre lulismo, nova classe média e jornadas de junho, o que, infelizmente, não foi possível fazer. Desculpamo-nos antecipadamente pelo inconveniente de apresentar um trabalho diferente do proposto.

² Opta-se aqui por utilizar o termo “teoria política brasileira” ao invés do tradicional “pensamento político brasileiro”, visto que, em suma, não há qualquer diferença razoável entre a teoria formulada alhures e a criada aqui, sendo essa distinção plenamente compreensível pela situação periférica do Brasil frente a algumas outras nações do mundo (Lynch, 2013).



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Análise de conjuntura: manual de uso

Curiosamente, se podemos encontrar diversas análises de conjuntura na história da teoria política – inclusive de origem brasileira – não há facilmente nenhuma teorização mais sistemática sobre ela. Pratica-se, por assim dizer, há séculos, “análise de conjuntura”, mas de modo mais ou menos intuitivo, isto é, sem estar amparado ou instruído por uma teoria ou reflexão crítica a seu respeito.

Antes de mais nada, importa definir do que estamos tratando. O que normalmente se concebe como “análise de conjuntura” é um *gênero textual* e um *estilo de análise*. Gênero textual pois se refere a um conjunto de textos que compartilha entre si de certos aspectos formais e de conteúdo. Nesse sentido, a análise de conjuntura é diferente do tratado de teoria política, por exemplo, pelo tipo de linguagem adotada (mais marcada pela polêmica, menos hermética e abstrata, etc.) e pelos meios de divulgação mais utilizados para sua divulgação (jornais, sobretudo), etc. Estilo de análise, visto que, através dela, o estudioso trata o fenômeno social de modo distinto de quando faz, por exemplo, um estudo monográfico sobre o mesmo fenômeno (frequentemente mais sistemático, conceitualmente mais rigoroso, com menor alcance analítico, etc.).

Estabelecida uma definição mínima do que é a análise de conjuntura, passemos ao exame de alguns outros aspectos. A sua compreensão difusa a define como uma atividade intelectual desenvolvida com o fito de compreender o *tempo presente*. Trata-se, em resumo, de textos escritos, em geral, no “calor do momento”, nos quais se procura, no conjunto desordenado dos eventos recentes, dar algum sentido às múltiplas possibilidades do presente e do futuro que se avizinha. Se ela também compõem a historiografia de uma época, o faz de modo distinto do da análise histórica mais usual, na qual se avalia um momento distante no tempo. Há no caso da análise de conjuntura uma coincidência característica entre o tempo do escritor e o tempo do objeto do escrito.

Mas a análise de conjuntura também pode ser feita retrospectivamente. Tomemos como exemplo *Lembranças de 1848*, de Alexis de Tocqueville, testemunha ocular da insurreição proletária de Paris, livro esse escrito, todavia, mais de uma década depois dos eventos analisados. *As lutas de classes na França* foi também



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

redigido um ano após os acontecimentos analisados. Mesmo assim, o tempo presente, por definição fugidio, mesmo que rememorado algum período depois, é sempre o foco da análise de conjuntura.

Pensando a partir desses exemplos, é possível identificar um segundo traço muito comum ao que se convencionou denominar de análise de conjuntura. Trata-se da relação *peçoal* que o analista tem com a conjuntura. O tempo presente analisado é igualmente um tempo *peçoalmente* vivenciado pelo analista. Ele vê, vive e sente as tensões, tendências e possibilidades daquilo que lhe é próximo. Tocqueville e Marx, para retomar os exemplos anteriores, vivenciaram os anos tumultuados que antecederam à restauração monárquica. Todavia, diferentemente de um texto de memórias, outro gênero textual, na análise de conjuntura, a lembrança pessoal não é propriamente o objeto da escrita, mas o compõem marginalmente.

Uma terceira característica fundamental desse tipo de reflexão é que análises de conjuntura invariavelmente discutem a *micropolítica*, isto é, um cenário no qual os indivíduos e grupos sociais bem identificados competem entre si pelo poder. O que caracteriza tipicamente esse gênero textual e esse estilo de análise é sua acuidade em identificar as forças específicas de um determinado jogo de competição política e, a partir dessa identificação, inferir sua resultante. Daí que nelas são frequentes as referências a atores, datas e acontecimentos específicos, como ocorre, por exemplo, n' *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, de Karl Marx. A matéria, em resumo, de que são feitas essas análises é o cotidiano da política.

Há também um outro e quarto traço da análise de conjuntura que se não é exclusivo dela, é certamente nela mais saliente. Trata-se da *relação mais próxima entre ciência e política*. Dificilmente pode-se assumir que a ciência seja neutra frente aos embates políticos da sociedade. Mas, no caso da análise de conjuntura, fica ainda mais patente o interesse do cientista em intervir na realidade. Marx, por exemplo, queria, entre outras coisas, convencer as fileiras do movimento trabalhista de sua época quanto ao erro fatal de ter se aliado à pequena burguesia, disputando com outras correntes do socialismo e do anarquismo. Tocqueville, referindo-se ao mesmo contexto, lembrava aqueles eventos a fim de persuadir os seus pares, os “homens públicos” da França, sobre a necessidade de se preservar a todo custo a liberdade,



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

contra a radicalização dos ânimos e o anseio ilimitado por mais igualdade. Assim, ambos procuravam a seu modo influenciar a ação de alguns atores políticos de sua época. Assim, a importância do tempo presente na análise de conjuntura se faz não apenas por ser ele o objeto da análise, mas também por ser o seu alvo, o público a quem ela se destina.

Estamos, pois, lidando com um caso intrigante de relação entre ciência e política. São intelectuais que tratam de eventos que, em geral, não se encerraram, e que, portanto, ainda não foram plenamente definidos, tanto em relação ao seu desenrolar histórico, quanto em relação ao seu significado, sendo esse vigorosamente disputado entre eles. Diferentemente do estudioso da era Vargas, por exemplo, que, muitas décadas após esse período histórico, pode e disputa com as interpretações concorrentes com a sua, o verdadeiro legado desse momento do passado, o intérprete da jornadas de junho é parte ativa desses eventos, ou porque dele participa enquanto ator político (dirigente, militante partidário etc.), e/ou porque, enquanto estudioso, influencia a visão dos demais atores envolvidos. É ao público presente, pois, que ela se dirige. A análise de conjuntura parece se situar num terreno nebuloso, de transição entre a própria prática política (voltada para ação e seus resultados, organizada, portanto, mais pelo princípio da eficiência e pelo interesse imediato) e a teorização que se faz da política (pautada pela necessidade de descrever a realidade de modo verossímil e convencer o seu público).

Uma quinta característica da análise de conjuntura identificada por esse trabalho é aquela que a diferencia da mera opinião política que se possa ter sobre um determinado momento histórico. A rigor, apenas na primeira há um *quadro teórico* a informar e a fundamentar a avaliação que se faz de um momento histórico específico. Tocqueville observa e escreve sobre os acontecimentos tumultuados em Paris a partir de uma teoria da democratização das sociedades e da inevitável derrocada das sociedades aristocráticas. Marx, sob outro enquadramento teórico, avalia os mesmos eventos através da ideia de que a luta de classes é o motor da história. Justamente porque eles partem de marcos conceituais distintos, que fazem também análises tão diversas sobre a mesma conjuntura. Esse ponto é importante porque se a análise de conjuntura aborda a micropolítica, como dissemos, isso não significa que o exame em



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

profundidade de uma conjuntura exclua uma compreensão de mais longa duração, como é o caso da obra supracitada. Muito ao contrário. Precisamente por estar ancorada em um marco teórico que não se resume ao tempo do “agora”, que a análise de conjuntura de diferencie da mera notícia. Embora ambas possam recorrer ao mesmo meio de divulgação – jornal, revista, blog, etc. – a primeira é de natureza diversa visto que a análise de conjuntura é formulada a partir de um diagnóstico e um prognóstico mais geral da sociedade.

Um sexta e última característica que merece ser destacada e que diferencia a análise de conjuntura do panfleto político é que esse último gênero textual é tipicamente prescritivo, ao passo que as primeiras são, por definição, mais descritivas. Isto é, nessa importa escrutinar a realidade analisada, ao passo que naqueles cumpre determinar o rumo da ação. Se, nas análises de conjuntura, o tom polêmico é frequentemente adotado e há um objetivo de intervenção política por parte do escritor, como no texto panfletário, nesse não está em jogo principalmente mapear as forças em disputa com o máximo de requinte de análise (ainda que isso seja necessário ou esteja pressuposto), mas sim estabelecer um quadro geral de fácil entendimento e dirigir a ação. Assim, mesmo que possam compartilhar de certas características comuns, análise de conjuntura não é o mesmo que panfleto político. Dessarte, *O manifesto do partido comunista*, pela metatoria aqui rascunhada, seria melhor compreendido como um panfleto, não como um texto de análise de conjuntura, como são *O 18 de Brumário* e *As lutas de classes na França*.

Delineamos, portanto, seis características fundamentais das análises de conjuntura, definida a um só tempo como um *gênero textual* e um *estilo de análise*. Certamente que a análise de conjuntura pode se mesclar com outras formas de análise e de gênero textual. Muito provavelmente, algumas dessas características nem sempre estão presentes em todas análises de conjuntura. Entretanto, elas constituem a sua diferença específica em relação aos outros gêneros textuais e aos outros estilos de análise que compõem o campo interdisciplinar da teoria política.

Análises de conjuntura do Brasil contemporâneo: as jornadas de junho



Para exemplificar e refletir acerca da descrição que se acabou de fazer das análises de conjuntura, *tout court*, passaremos agora a uma breve revisão crítica da literatura produzida acerca das denominadas “jornadas de junho”. O propósito não é analisar exaustivamente o que se produziu a esse respeito, mas, ao contrário, avaliar esses textos à luz da metateoria aqui esboçada.

Quase que concomitantemente às primeiras manifestações de rua, iniciadas em junho de 2013 em muitas das cidades brasileiras, as primeiras análises de conjuntura começaram a ser publicadas.

Também conhecidas como “Revolta do Vinagre”³, essas manifestações consistiram num conjunto de protestos iniciadas em 06 de junho do referido ano na cidade de São Paulo contra o aumento das passagens de ônibus. Essa insatisfação popular já havia, no entanto, irrompido na cena pública nacional há muito⁴, em vários municípios brasileiros, inclusive tendo o MPL (Movimento Passe Livre⁵) como organizador ou protagonista de passeatas anteriores, os denominados “catraças”⁶.

No entanto, o volume e a dispersão das manifestações (ocorrendo não apenas nas grandes capitais do país, mas também em cidades do interior), bem como a expansão da pauta reivindicatória (incluindo, para além da questão do transporte público, a contestação em relação aos gastos públicos com a Copa do Mundo de Futebol, a crítica à corrupção na política, o aumento nos gastos dos governos com saúde e educação, etc.) chocou a opinião pública brasileira (cf. SECCO, 2013, 71). Não apenas jornalistas e os próprios editoriais dos principais jornais e revistas de circulação nacional externaram diversas impressões e suas avaliações sobre o movimento, como estudiosos da política, em textos de circulação mais restrita se

³ O termo diz respeito à utilização pelos manifestantes de lenços embebidos em vinagre a fim de atenuar os efeitos nocivos do gás de pimenta ou do gás lacrimogêneo utilizado pela polícia na repressão às primeiras passeatas desse período (cf. BASTOS, RECUERO, ZAGO, 2014).

⁴ Em agosto de 2003, por exemplo, ocorreu a “Revolta do Buzu”, em Salvador; menos de um ano depois, em Florianópolis foi a vez da “Revolta da Catraca”.

⁵ A fundação do MPL, antecedida pela “Revolta do Buzu” e pela “Revolta da Catraca”, ocorreu em 2005, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e contribuiu para mobilizar mais manifestantes na luta contra o aumento das tarifas de ônibus em diversas cidades brasileiras: São Paulo (2005, 2010 e 2011), Florianópolis (2005), Vitória (2005), Brasília (2006) e, finalmente, nas manifestações de 2013 que conseguiram revogar o aumento das tarifas de ônibus em mais de 100 cidades do país (MPL, 2013, p. 18).

⁶ O “catraças” é um modo de reivindicar praticamente o projeto de Tarifa Zero para o transporte público, que pode ser feito com a abertura das portas traseiras dos ônibus, ou pulando as catracas (cf. MPL, 2013, p. 13)



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

esforçaram em compreender as razões, peculiaridades e os futuros desdobramentos das “Jornadas”. Estupefatos, repetiam o bordão de que “o gigante acordou”, ou de que esse “nunca adormecera”. De qualquer modo, ficava patente a dificuldade de se explicar o fenômeno.

Passaremos agora à análise de três conjuntos de textos de análise de conjuntura: o primeiro do autor Marcos Nobre, o segundo publicado, com a participação de diversos autores, no livro *Cidades Rebeldes* e o terceiro que consiste num conjunto de artigos de opinião publicados na revista *Insight/Inteligência*.

Numa época em que as ruas bradavam por um Brasil “padrão FIFA”, o filósofo Marcos Nobre publicou dois ensaios de análise de conjuntura do Brasil contemporâneo procurando decifrar o enigma das “jornadas”⁷.

A tese fundamental de Nobre é a de que o Brasil, desde a sua redemocratização nos idos da década de 80, convive com uma “cultura de baixo teor democrático” (2013b, 9), que permitiu “blindar” o país contra transformações sociais mais substantivas. O autor chama essa “cultura política” de “pemedebismo”, justificando sua escolha em função do PMDB (e mais ainda o MDB) ter sido o *locus* no qual se concentraram as diferentes forças de resistência à ditadura e, ao mesmo tempo, expressão maior da “ideologia oficial de uma transição morna para a democracia” (2013b, 11).

Quando da Assembleia Constituinte, o Centrão, bloco suprapartidário constituído em geral de parlamentares do PMDB, entrou em conflito com os movimentos sociais que exigiam uma democratização maior da sociedade brasileira. O sistema político, contudo, conseguiu neutralizar essas forças da sociedade, apostando na ausência de uma pauta unificada. Eis a primeira figura do pemedebismo: um sistema de blindagem contra a sociedade, que em função de incorporar uma ideologia “progressista” emperra a democratização. A segunda figura do

⁷ O autor publicou, em 2013, o livro digital *Choque de democracia* e, em seguida, em versão impressa e com fundamentalmente a mesma tese, ainda que mais ampliada e detalhada, *Imobilismo em movimento*.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

pemedebismo emerge na época do impeachment do Collor, na medida em que assente-se com a ideia de que sem uma maioria no parlamento, é impossível governar (suposta razão de seu impeachment). O sistema se preservou sem mudar sua lógica de travamento. A partir de 1993, os canais de participação se estreitaram, as ruas foram substituídas pelo clamor da mídia. O PT liderou o movimento de oposição ao sistema político, mas aos poucos vai cedendo à estratégia de ganhar o governo federal, ao invés de mobilizar a sociedade. Ele era a principal força do antipemedebismo, além do MST. Sendo envolvido/cooptado pelo pemedebismo, o PT, no governo federal, joga segundo as regras desse sistema político. Se alia às forças conservadoras, para garantir as supermaiorias partidárias (supostamente necessárias à governabilidade). Além disso, a mídia, fortemente oligopolizada, não canaliza de modo satisfatório a insatisfação popular. Parecia que o país havia se resignado ao pemedebismo. Até quando surgem as revoltas de junho de 2013, “furando o bloqueio” do sistema político.

Nobre define o pemedebismo em função de cinco características fundamentais: governismo, ou seja, independentemente de qual orientação ideológica do governo federal, é preciso sempre permanecer no poder; a segunda é a da produção de supermaiorias legislativas, isto é, supõe-se que, para governar, é necessário conquistar uma ampla base de apoio no Congresso nacional; funcionar como um sistema de vetos constitui a terceira característica; a quarta consiste em impedir a entrada de novos membros no poder, tornando o bloco governista pouco ou nada plural; e a última é evitar o conflito aberto, solucionando as disputas nos bastidores da política.

A despeito de vivermos uma “normalidade democrática” (2013b, 9), o Brasil continuaria a não ser uma propriamente uma democracia. Com Lula e Dilma, a redemocratização se encerrou, mas não se completou, em virtude da permanência da dinâmica bloqueadora do pemedebismo, que fecha qualquer canal de protesto contra o sistema político.

Percorrendo o período que vai do fim da ditadura militar ao mandato de Dilma Rousseff, a análise de Nobre identifica sucessivas crises do pemedebismo desde o seu surgimento, quando ele consegue vencer as forças sociais democratizantes, mas



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

dispersas. Em resumo, o esquema interpretativo do autor tenta descrever as transformações e continuidades na história da última República brasileira como um embate contínuo entre o “progressismo” e “pemedebismo”. Com a pressão dos movimentos sociais durante a Assembleia Constituinte de 1986, as manifestações pelo *impeachment* de Collor em 92 e, agora, os protestos de 2013 – expressões do primeiro fenômeno político – o pemedebismo “sofreu arranhões”, mas foi sempre capaz de neutralizar as forças de transformação, e, em alguns casos, pervertê-las, trazendo-as para o seu “condomínio político”, como teria ocorrido com o PT, sobretudo, a partir do escândalo do “mensalão” que fragilizou bastante o partido.

Para Nobre, a compreensão adequada do pemedebismo requer um esclarecimento acerca de que “modelos de sociedade” se construiu no Brasil no último século. Sucintamente, a designação de dois modelos de sociedade é que organizam esquematicamente o livro de Nobre. De acordo com ele, desde os anos 30, se constituiu um ideal de sociedade “nacional-desenvolvimentista”, que visava a modernização por meio do protagonismo estatal, e que não tinha como “pedra de toque” a democracia. Para Nobre, com o ocaso do nacional-desenvolvimentismo no fim regime militar, surge um novo modelo de sociedade, o “social-desenvolvimentismo”. Se no primeiro o que importava era promover o desenvolvimento econômico do país de modo autônomo, no segundo modelo a questão capital é combater as desigualdades sociais, de poder, reconhecimento, etc. Tanto os anos em que o PSDB governaram o país sob a batuta de FHC, quanto a era Lula e Dilma são identificados como expressão do social-desenvolvimentismo. A única diferença é que no primeiro período, quando se faz a transição do nacional-desenvolvimentismo para o social-desenvolvimentismo, havia uma grande polarização ideológica, na medida em que o PT representava nacionalmente uma força antipemedebista e que, a partir de 2002, é também corrompida pelas forças conservadoras. O grande problema, conclui Nobre, é que o social-desenvolvimentismo, que se espera poder se aprofundar e expandir no futuro próximo, com o incremento de políticas redistributivas, por exemplo, é incompatível com o pemedebismo, uma tendência de conservação do *status quo*. Desse



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

descompasso, nasceram as chamadas “Jornadas de Junho”, fenômeno que inspira claramente a escrita desse autor, nesta e em outra obra (Nobre, 2013a).

Esses protestos são caracterizados como constituído de movimentos apartidários (MPL, Comitês da Copa), de organização horizontal, e que recusam qualquer liderança individual. Diferentemente das “Diretas Já” e dos “Caras Pintadas”, elas não tiveram uma narrativa, já que as interpretações a seu respeito divergem sobre seu significado. São revoltas organizadas por redes sociais, sem uma direção única, contra o sistema como um todo, contra “tudo o que está aí”. Em 1984, o movimento foi organizado por partidos de oposição, movimentos sociais e sindicatos; em 1991, pela UNE; agora, os movimentos políticos tradicionais entraram a reboque, tardiamente. Todavia, o MPL, os Comitês e os manifestantes, em geral, “não tem massa crítica suficiente” para liderar/organizar os protestos, sendo engolidas por eles. Mesmo não vendo grande possibilidade de transformação a partir das jornadas, Nobre pondera que o êxito foi imediato: revogação do aumento das tarifas de ônibus, declaração da presidenta Dilma em cadeia nacional a respeito dos protestos e proposição de um plebiscito (ou de uma assembleia constituinte) para atender as demandas das ruas.

Utilizando os textos de Nobre como exemplo, podemos verificar a presença das seis características da análise de conjuntura destacada antes por nós. Em primeiro lugar, Nobre está tratando daquilo que ainda ocorria ou acabara de ocorrer no país. Também por isso, o próprio autor vivenciava pessoalmente o fenômeno, inclusive identificando-se ideologicamente, ao que parece, com muitos dos manifestantes ou de muitas de suas causas. Terceiro, trata-se de uma análise em “lentes de aumento”, isto é, que considera os diferentes atores especificamente e o contexto local no qual eles interagem. Em quarto lugar, é notória a intenção de Nobre em intervir publicamente no debate e embate público a respeito das jornadas, sobretudo, se lembrarmos que um número significativo de análises depreciativas a seu respeito era publicada diariamente. Lembremos, por exemplo, de dois artigos de opinião publicados em jornais de circulação nacional por Marilena Chauí e Wanderley Guilherme dos Santos a essa época. A primeira salientava que setores envolvidos nos protestos, sobretudo,



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

os *Black Blocs*⁸ agiam como “fascistas”, na medida em que a violência era utilizada sem qualquer propósito construtivo (CHAUÍ, 2013). O segundo, qualificava as jornadas como uma “anomalia niilista” a ameaçar as conquistas da democracia brasileira (SANTOS, 2013). Destarte, a análise de Nobre se constitui em um contraponto a essas análises que viam nas jornadas uma força antidemocrática. A quinta característica diz respeito a existência de um quadro teórico mais amplo a informar a análise de conjuntura. No caso desse autor, não fica muito claro qual quadro é esse, visto que ele não o explicita textualmente. Por fim, a quinta característica diz respeito ao caráter mais descritivo do que prescritivo da análise de conjuntura. Nesse caso, o texto de Nobre se enquadra perfeitamente, visto que a despeito de formular um diagnóstico amplo de compreensão do fenômeno – uma força antipemedebista que encontra ressonância em outras forças anteriores (“Diretas Já” e “Caras Pintadas”) – não apresentar qualquer proposta de superação do impasse entre a sociedade que se move e o sistema político que permanece imóvel e resista à mudança.

Conclusão (?)

Referências bibliográficas

- BRINGEL, Breno. Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. *Insight/Inteligência*, ano XVI, edição 62, 2013.
- CARDOSO, Adalberto. As mudanças de junho e a mercantilização da vida coletiva, *Insight/Inteligência*, ano XVI, edição 62, 2013.
- CHAUÍ, Marilena. ‘Black Blocs’ agem com inspiração fascista. *Folha de São Paulo*, 27/07/2013 (acesso em 10/01/2014).
- CRUZ, Sebastião. Teoria e método na análise de conjuntura. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 72, 2000.
- DOMINGUES, José Maurício. *O Brasil entre o presente e o futuro: conjuntura interna e inserção internacional*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

⁸ O termo designa mais do que um grupo político ou um movimento social organizado, uma tática de atuação política, marcada pela ação direta de indivíduos no espaço político (Cf. MARICATTO, 2013).



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

LYNCH, Christian. Por que Pensamento e não Teoria? A imaginação político-social brasileira e o fantasma da condição periférica (1880-1970). *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 56, nº 4, 2013.

MARX, Karl. *O dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
_____. *As lutas de classes na França*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo” in MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOBRE, Marcos. *Choque de democracia. Razões da revolta*. Livro eletrônico. Companhia das Letras, 2013a.

_____. *Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma*. São Paulo: Cia das Letras, 2013b.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As ruas e a democracia. Ensaios sobre o Brasil contemporâneo*. Brasília: Contraponto, 2013.

SANTOS, Fabiano. Primavera brasileira ou outono democrático? *Insight/Inteligência*, ano XVI, edição 62, 2013.

SANTOS, Wanderley G. dos. Democracia uma vírgula, anomalia nihilista, *Valor econômico*, 26/07/2013 (acesso em 10/01/2014).

SECCO, Lincoln. “As Jornadas de Junho” in MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzada. *Novos Estudos CEBRAP*, 97, 2013.

SOUZA, Cidival (org.). *Jornadas de junho: repercussões e leituras*. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Lembranças de 1848*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIANA, Sílvia. “Será que formulamos mal a pergunta?” in MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

São Paulo: Boitempo, 2013.